

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: DIÁLOGOS EM WALLON E VYGOTSKY

Anderson Oramisio Santos

(UFU – Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG)

Adriana Mariano Rodrigues Junqueira

(PMU – Prefeitura Municipal de Uberlândia – Uberlândia – MG)

Graciela Nunes da Silva

(PMU – Prefeitura Municipal de Uberlândia – Uberlândia – MG)

Resumo

Este trabalho fundamenta-se em apresentar as contribuições da relação afetiva para o processo de aprendizagem, compreendendo como acontece a relação afetiva entre professor e aluno no final dos anos iniciais do ensino fundamental. Objetiva-se em buscar nas principais obras educacionais e pedagógicas referência sobre a afetividade no processo de aprendizagem, elencando pesquisas contemporâneas que refletem sobre as contribuições da relação entre professor e aluno para o processo de aprendizagem escolar. Para esse estudo, além da realização de uma pesquisa bibliográfica, houve também a realização de uma pesquisa de campo de caráter investigativo exploratório, por meio da aplicação de um questionário com questões objetivas e subjetivas, que continham questões sociais, econômicas e culturais. A escola deve proporcionar um espaço de reflexões sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora, na qual esse processo não deveria dissociar-se da afetividade. Constata-se que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as palavras das crianças deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente o carinho.

Palavras-chave: Afetividade; Escola; Professor; Aluno; Aprendizagem.

Abstract

The Affectivity in the Process of Teaching and Learning: Dialogue in Wallon and Vygotsky

This work is based on present contributions of affective relation to the learning process, comprising as it does the affective relationship between teacher and student at the end of the early years of elementary school. Our objective is to get into the main educational and pedagogical reference works on the affectivity in the learning process, listing contemporary research that reflect on the contributions of the relationship between teacher and student to the school learning process. For this study, in addition to conducting a literature search, there was also the realization of an exploratory investigative character of field research, through the application of a questionnaire with objective and subjective questions, which contained social, economic and cultural issues. The school must provide a space reflections on the life of the

student as a whole, contributing to the development of a critical consciousness and transforming, in which this process should not be divorced from affection. It appears that affectivity is essential for educational achievement, since the words of children make it clear that affection is an important aspect in the learning process, which is based on mutual respect, dialogue and especially the affection.

Keywords: Affection; School; Teacher; Student; Learning.

Introdução

A escola constitui um espaço importante para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça. Toda ação pedagógica que se realiza dentro da concepção afetiva pode contribuir para a aprendizagem dos alunos e para o trabalho em equipe dos educadores.

Assim, a valorização do trabalho do supervisor no acompanhamento e na orientação da prática docente reflete nos resultados da aprendizagem dos alunos. Pois o ato de ensinar é resultado de uma prática pedagógica relacional, por isso envolve a afetividade dos educandos e dos profissionais que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Isto faz com que o aluno sinta motivado ou não para aprender. Portanto, os avanços do processo de ensino e aprendizagem dos alunos estão concentrados nos métodos que cada educador usa. Constituindo também como um sistema de controle de qualidade da aprendizagem dos educandos. Assim a afetividade pode contribuir para a melhoria

nos resultados deste processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Contudo, ao debater sobre a afetividade nas relações pedagógicas, é necessário ter bem definidas as habilidades que queremos desenvolver com os educandos durante o processo de ensino e aprendizagem. Diante disso alguns questionamentos surgiram: Qual é a função da afetividade no ensino? Como trabalhar a afetividade no trabalho em equipe visando a aprendizagem dos alunos?

O objetivo desse trabalho é compreender a relação afetiva entre professor e aluno no processo de aprendizagem de crianças no final dos anos iniciais do ensino fundamental.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica apoiada em teóricos que discutem o tema, possibilitando uma breve reflexão quanto à prática docente no processo de ensino de aprendizagem dentro de uma linha de pesquisa voltada para a metodologia de ensino.

Afetividade Conceituação e Importância no Processo da Aprendizagem

A afetividade é um composto fundamental das relações interpessoais. Através dela o trabalho escolar pode ser mais bem direcionado. Servindo ainda de meio para a construção do conhecimento discente e para o processo da aprendizagem.

Segundo Wallon (1992):

A afetividade é uma fase do desenvolvimento humano, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional, portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincronicamente misturadas, com o predomínio da primeira (Wallon, 1992, p. 90).

Diante disto, o professor deve observar com muito cuidado o comportamento do aluno. Pois se ele não estiver bem emocionalmente poderá sair mal nas avaliações. As emoções têm papel fundamental no desenvolvimento das pessoas. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades.

A construção do eu depende essencialmente do outro. Isto significa que a aprendizagem da criança depende da relação afetiva que se constrói entre professor e aluno. Por isso a proposta de

Wallon (1992) é bem diferente da ideia tradicional da escola que prioriza a inteligência e o desempenho dentro da sala de aula.

É bom lembrar que a relação pedagógica é uma via de mão dupla. O professor não é o detentor do saber, mas o facilitador, o mediador da construção do conhecimento do aluno. Isto não se dá fora do vínculo afetivo que se cria durante a aquisição do conhecimento. Além de tornar o processo de ensino e aprendizagem uma ação libertadora.

Quando o professor estabelece laços afetivos com seus alunos, ele está criando um ambiente de segurança. Isto pode evitar bloqueios afetivos e cognitivos estimulando a socialização do aluno com o grupo da classe e da escola. Pois o homem é um ser social dependente do outro.

Vygotsky apud Arantes (2003), afirma que:

Só se pode compreender adequadamente o pensamento humano, quando se compreende a sua base afetiva. Quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo. A vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um

modo geral (Vygostky, citado por, Arantes, 2003, p. 18-19).

A mudança de atitude da escola no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem é fundamental diante dos novos paradigmas que se emergem. Uma vez que, a relação do professor com os alunos em sala de aula é o reflexo de sua relação cultural com a sociedade. Como afirma Gadotti (1999, p.76), “o educador para pôr em prática o diálogo, não se deve colocar como o detentor do saber, mas na posição de quem não sabe tudo”.

Diante disto, a afetividade assume outra dimensão que envolve todo o processo educacional da criança. Além de contribuir também para a melhora da prática docente, pois Freire (1996) traz uma ótima contribuição ao afirmar que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham suas idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o incompetente, o irresponsável, o

professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar marca (Freire, 1996 p. 96).

Sendo assim, o professor tem papel fundamental na relação pedagógica com o aluno. Porque é responsável não somente pelo conhecimento através da transmissão de informações métodos de motivação em sala de aula. Mas também pelo processo de construção da cidadania. Tendo o papel de facilitador da aprendizagem, aberto às novas experiências, numa relação empática que envolve também os sentimentos dos alunos.

Portanto, a construção do conhecimento humano não se dá de forma individual. Ele é fruto das relações coletivas marcadas pelos encontros e desencontros sociais e culturais que ocorrem dentro das escolas. Logo o aluno deve ser entendido como indivíduo único, mas com necessidades afetivas que se completam na convivência com o outro.

A afetividade não pode ser trabalhada separada do processo de ensino e aprendizagem, pois ela pode contribuir para a aquisição do conhecimento de forma prazerosa e segura. O aluno precisa entender que ele faz parte de todo o

conjunto de atividades diárias de sua vida escolar.

Fernández (1990) afirma que o processo de aprendizagem pode ser comparado a uma rede entrelaçada onde os fios que a constituem identifica-se de um lado, pelas aquisições específicas que compõem as estruturas cognitivas e, de outro, pela estrutura desejanante do sujeito.

Percebe-se que o aspecto afetivo relacional é preponderante na relação pedagógica. Porque ele influencia de forma positiva ou negativamente na vida do aluno e do professor. Pois durante o processo de aprendizagem, ambos aprendem e ensinam.

A escola deve proporcionar um espaço de reflexão sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora. Esse processo não deveria dissociar-se da afetividade, a qual é retratada pelos conteúdos atitudinais, em que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 22-23) defendem alguns princípios que deveriam orientar a educação escolar, como a dignidade da pessoa humana, o que implica respeito aos direitos humanos, a igualdade de direitos, a participação como princípio democrático e a com responsabilidade pela vida social. Desse modo:

Eleger a cidadania como eixo vertebrador da educação escolar implica colocar-se explicitamente contra valores e práticas sociais que desrespeitem aqueles princípios, comprometendo-se com as perspectivas e decisões que as favoreçam. Isso se refere a valores, mas também a conhecimentos que permitem desenvolver as capacidades necessárias para a participação social efetiva. (Brasil, 1997, p. 25)

Isso mostra que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 107-108) retratam a importância de o ensino fundamental trabalhar para assegurar a formação do indivíduo, contemplando os temas morais, o respeito mútuo, a justiça, o diálogo e a solidariedade, fazendo com que o aluno seja capaz de respeitar as diferentes formas de expressão e participação, expondo seus pensamentos e opiniões de forma a ser entendido.

Ao entrar em contatos com o objeto do conhecimento, o indivíduo busca retirar dele as informações que lhe interessam, deixando outras que não lhe são tão importantes, visando atingir um equilíbrio. Acomodação consiste na capacidade de modificação da estrutura mental antiga para dar conta de dominar um novo objeto do conhecimento.

A acomodação representa o elemento complementar das interações sujeito-objeto. Toda Experiência é assimilada a uma estrutura de ideias já existentes simbólico é imitativa, mas ele é também uma forma de auto expressão. No jogo Simbólico, a criança constrói símbolos sem constrangimento, invenções que representam qualquer coisa que ela deseja. Há uma assimilação da realidade mais do que uma acomodação do eu à realidade.

Quanto as emoções e as relações afetivas, Maturama (2004) diz respeito a cultura que desvaloriza as emoções em favor da razão. Valorizar a racionalidade como expressão básica da existência humana é positivo, mas não podemos deixar de levar em conta as emoções:

Do ponto de vista biológico, o amor é a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como é no presente, sem expectativas em relação às consequências da convivência, mesmo quando seja legítimo esperá-las. O desenvolvimento biológico sadio de uma criança requer uma vida de amor e aceitação mútua – e sem expectativas sobre o futuro -, com sua mãe e os outros adultos com os quais ela convive (Maturama, 2004, p.223).

A criança precisa ser amada como ela é, com atenção no que ela produz, nas suas próprias atividades e não com expectativas em seus resultados. Assim durante seu desenvolvimento a criança adquire, através das interações com sua mãe e outros membros da comunidade em que vive as emoções próprias de sua família e cultura.

Assim, o emocional se dá nas relações sociais como algo natural e cultural como descreve Maturana (2004):

Mas também ocorrem os “desencontros emocionais” sem as interações com a família ou cultura. Quando o interagir em desencontro emocional torna-se cotidiano em uma família pode gerar conflitos emocionais. Se esse desencontro emocional ocorre na relação mãe-filho a criança não cresce de modo natural, tanto em seu desenvolvimento senso motor como no desenvolvimento de sua consciência corporal e autoconsciência. Ela cresce como uma criança incapaz de participar de relações interpessoais naturais de mútua aceitação e respeito na vida adulta (Maturana, 2004, p. 150).

Desta forma, a afetividade influencia na construção do conhecimento, pois o tempo, no qual a aprendizagem de conteúdos se processa, depende do clima

afetivo na sala de aula. O professor deve se relacionar afetivamente com seus alunos para que não se sintam desmotivados, dificultando assim a aprendizagem do mesmo.

A afetividade está sempre presente nas experiências empíricas vividas pelos seres humanos, no relacionamento com o 'outro social', por toda a sua vida, desde seu nascimento. Sabe-se que a aprendizagem é um processo que, uma vez iniciado com o nascimento, só finda com a morte. Isso significa que em qualquer etapa, em qualquer situação, ou em qualquer momento, o indivíduo está aprendendo, sendo que, à medida que aprende varia seu comportamento, seu desempenho, sua ótica, seus enfoques.

Quando se fala em aprendizagem, como uma mudança relativamente aparente, significa que o aprendido deve estar incorporado ao indivíduo não só em situação temporária, mas por um tempo razoável. À medida que novas aprendizagens surgem, vão sendo incorporadas às já existentes, propiciando o surgimento de novos enfoques, ideias e atitudes.

A escola não deve ser só um lugar onde aconteça a aprendizagem intelectual, mas um ambiente no qual se fale de amizade, da importância do grupo e de questões afetivas. Desse modo, "os

momentos de afetividade vividos na escola são fundamentais para a formação de personalidades sadias e capazes de aprender.

Nesse aprofundamento a consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica. Diante disto se percebe que o desenvolvimento cognitivo pode e deve ser estimulado por meio da afetividade. Isto contribui para o processo de interação e integração do ser social com outro ser social, havendo um entrelaçamento entre a cognição e a afetividade, tornando-as interdependentes e contribuindo para o desenvolvimento pleno da criança na aquisição do conhecimento.

Para Vygotsky (1993) a cognição e afetividade são fundamentais para o acompanhamento da aprendizagem porque:

Enquanto objeto de estudos, é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que está apresenta o processo de pensamento como um fluxo autônomo de pensamentos que pensam a si próprios, dissociados da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa (Vygotsky, 1993, p.6).

Assim o ensino e aprendizagem fundamentados no processo da afetividade

e cognitividade se constitui numa ação pedagógica eficaz. Uma vez que permite ao educando criar relações sociais importantes com os outros durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Além de permitir o desenvolvimento interpessoal de cada aluno.

O processo de aprendizagem envolve vários aspectos que se evidenciam durante a aquisição do conhecimento. A apropriação do saber contribui para o desenvolvimento das interações do contexto de vida de cada ser humano. Isto implica dizer que o ato do processo de ensino e aprendizagem tem forte relações com a cultura de cada um.

Logo, ensinar e aprender é um processo de mão dupla. Pois ao mesmo tempo em que o indivíduo aprende, também influencia o outro nas relações interpessoais que se cria durante o processo. Assim pode se afirmar o ato de ensinar e aprender deve-se centralizar na pessoa.

Nesta mesma linha Rogers (1985) ressalta que:

Para que ocorra a aprendizagem e preciso que se deixe o aluno aprender; A figura daquele que ensina não deve ser a de uma pessoa autoritária; A aprendizagem progride de forma acelerada quando possui um significado

prático, ser significativo e cheia de sentimentos e não apenas envolver a mente, com exposição de acontecimentos que se tornam superficiais no dia a dia do aluno; A aprendizagem envolve experiências; A aprendizagem é auto iniciada (Rogers, 1985, p.30).

Portanto, é impossível ocorrer a aprendizagem se a relação do professor e do aluno estiver manchada. É importante que os sentimentos individuais sejam respeitados durante a ação pedagógica. Isto representa uma visão humanista do indivíduo enquanto ser com potencialidades para a aprendizagem.

Nesta visão Rogeriana, Gobbi e Missel (2005) a caracteriza como:

Visão total do ser humano, que é mais do que a soma das partes; O homem ser intencional, ele procura, a um tempo, conservação e equilíbrio; Visualizar o homem de forma otimista e positiva com potencialidades; Enfatizar a subjetividade do ser humano; O homem ser consciente, e como tal tem capacidade de escolha; O homem um ser social, que expressa sua natureza na relação com outros homens; Enfatizar a características mais elevadas do ser humano, tais como criatividade, afeto,

autonomia etc., (Gobbi & Missel, 2005, p.125).

Assim o processo de aprendizagem passa pela empatia que se estabelece durante a ação de ensinar e aprender. Isso ocorre quando o professor leva em consideração os sentimentos do aluno. Além de valorizar as experiências que ele traz consigo ao longo da vida.

Nesta linha de entendimento Rogers (1985) definiu a compreensão empática como “capacidade de emergir no mundo subjetivo do outro e de participar na sua experiência, na extensão em que a comunicação verbal ou não verbal o permite. É a capacidade de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, de ver o mundo como ele vê” (Rogers, 1985, p.47).

Com esta perspectiva humanista, o professor será capaz de entender seu aluno como único e com condições de aprender em seu ritmo próprio. Tendo esta compreensão, o professor pode tem mais êxito no processo de ensino e aprendizagem. Compreendendo o tempo de cada um a relação afetiva poderá ser estabelecida. Facilitando a aprendizagem do aluno.

É importante afirmar que os vínculos estabelecidos por uma teoria

humanista são caracterizados pelo respeito, confiança, aceitação e tolerância do ritmo de cada aluno para aprender. Assim o papel do professor vai além de ensinar é o de facilitar a aprendizagem dos educandos.

Para Rogers (1985, p. 328) “ele aprende a ser mais a sua experiência, a ser os seus sentimentos, tanto os sentimentos que considerava temíveis como os que qualificava mais aceitável. Torna-se uma pessoa mais flexível, mais modificável, mais capaz de aprender”.

Percebe-se que ao se conhecer, o aluno se torna mais aceitável no próprio grupo em que esteja inserido, facilitando o processo de ensino e aprendizagem. Com isto ele pode trocar os sentimentos negativos que o impedem de aprender. O professor pode ser o motivador desta relação.

O professor exerce um papel fundamental neste processo, a escola pode e deve criar um clima de afetividade na acolhida de seus alunos, mesmo a desperto de todas dificuldades que enfrenta. Uma pratica docente centrada na pessoa é possível nesta proposta.

Ao analisar a escola dentro de uma proposta humanista, Rogers (1985) ressalta que:

Seu maior sucesso é dar as crianças incapazes de apreender a matéria um

senso de fracasso. Também tem êxito em persuadir os estudantes a desistirem, quando se dão conta de que a matéria ensinada é quase completamente irrelevante para as suas vidas. Ninguém devia tentar aprender algo do qual não vê a relevância. Criança alguma jamais deveria experimentar o senso de fracasso que é imposto por nosso sistema de notas, pela crítica e pelo ridículo da parte de professores e outras pessoas, pela rejeição que se dá quando ela se mostra lenta. O senso de fracasso experimentado quando se tenta algo que se quer conseguir e que realmente é difícil de mais é uma sensação saudável, que impulsiona novas aprendizagens. É uma coisa muito diferente de um fracasso imposto por outra pessoa, que tem de desvalorizar como pessoa, aquele que fracassa (Rogers, 1985, p.145).

Percebe-se que deve ocorrer uma mudança de atividade dos educadores para que esta ação ocorra. O aluno precisa se sentir bem valorizado enquanto pessoa, precisa gostar do ambiente escolar. Ao se sentir aceito e amado, o aluno pode se expressar de forma mais livre e espontânea, é fundamental a construção da relação pessoas de afetividade que se cria ao longo do processo de ensino e

aprendizagem dentro da sala de aula. Assim a afetividade é importante nesta relação que se cria entre o aluno e o professor. Uma vez que ele é o centro da ação docente.

O desenvolvimento intelectual está ligado ao afetivo. Na teoria de Piaget (1979), o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e um afetivo. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções. O afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência, tornando difícil encontrar um comportamento apenas da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo e vice-versa.

Embora as crianças de aproximadamente três anos de idade estar ainda em processo rudimentar dos conceitos morais, elas já apresentam sentimentos afetivos formados, preferências e o sentimento de gostar e não gostar. Estas experiências são necessárias para o desenvolvimento de sentimentos morais e para o futuro desenvolvimento afetivos em geral. Assim, o mundo infantil torna-se fortemente influenciado pelas interações com os outros.

Outro ponto importante a ressaltar é sobre a socialização do comportamento, onde entende-se que o desenvolvimento social age sobre o desenvolvimento

cognitivo e afetivo. Como o desenvolvimento afetivo não é separado do desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento social está relacionado ao desenvolvimento cognitivo e afetivo. O conhecimento social é constituído pela criança à medida que ela interage com os adultos e com outras crianças.

Assim, o afeto se torna relevante para o desenvolvimento das crianças. Mesmo que culturalmente não quiseram aceitar tal proposta. Pois a razão se tornou a expressão básica da existência humana. Do ponto de vista biológico, o amor é a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como é no presente, sem expectativas em relação às consequências da convivência, mesmo quando seja legítimo esperá-las. “O desenvolvimento biológico sadio de uma criança requer uma vida de amor e aceitação mútua – e sem expectativas sobre o futuro, com sua mãe e os outros adultos com os quais ela convive” (Maturana, 2004, p. 223).

Neste sentido, a criança precisa ser amada como ela é, com atenção no que ela produz, nas suas próprias atividades e não com expectativas em seus resultados. Pois durante seu desenvolvimento a criança adquire, através das interações com sua mãe e outros membros da comunidade em que vive, as emoções próprias de sua

família e cultura. Assim, o emocionar se dá nas relações sociais como algo natural e cultural.

Entretanto Maturana (2004) ressalta que:

Também ocorrem os “desencontros emocionais” sem as interações com a família ou cultura. Quando o interagir em desencontro emocional torna-se cotidiano em uma família pode gerar conflitos emocionais. Se esse desencontro emocional ocorre na relação mãe-filho a criança não cresce de modo natural, tanto em seu desenvolvimento senso motor como no desenvolvimento de sua consciência corporal e autoconsciência. Ela cresce como uma criança incapaz de participar de relações interpessoais naturais de mútua aceitação e respeito na vida adulta (Maturana, 2004, p. 150).

Assim, o brincar surge como uma atividade realizada em si mesma, vivida no presente de sua realização, desempenhada de modo emocional (de modo espontâneo), sem nenhum propósito que lhe seja exterior. Pois a mãe e o bebê se encontram na linguagem e no brincar, ou seja, na congruência de uma relação biológica, em uma plena aceitação da corporeidade. Assim, o bebê se confirma como um ser biológico, no decorrer de seu crescimento

como um bebê humano, em interações humanas. Mas a mãe pode não se encontrar com o bebê na brincadeira, por razão de suas expectativas, desejos, aspirações ou ilusões.

De acordo com Wallon (1971) :

A afetividade não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincronicamente misturadas, com predomínio da primeira (Wallon, 1971, p. 6-7).

Neste contexto pode se afirmar que a afetividade exerce uma grande influência em todo o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Portanto a segunda pergunta teve o objetivo de saber dos professores se a afetividade tem influência na aprendizagem dos alunos.

Contudo a forma como se deve trabalhar a afetividade na escola pode ser o diferencial que precisa ocorrer. O trabalho da afetividade nas escolas precisa ter um envolvimento maior de todos os educadores. Pois a consciência plena de sua importância dentro do processo de

ensino e aprendizagem se torna o ponto de partida para o sucesso dos alunos.

Neste sentido, Vygotsky (1989):

Somente uma abordagem holística, promotora de uma análise totalizante e não-fragmentada]. Demonstra a existência de um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem. Mostra que cada ideia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento de realidade ao qual se refere. Permite-nos ainda seguir a trajetória que vai das necessidades e impulsos de uma pessoa até à direção específica tomada por seus pensamentos, até o seu comportamento e a sua atividade (Vygotsky, 1989, p.6-7)

O trabalho pedagógico a partir do afeto, pode levar a criança ao encontro consigo para a busca do equilíbrio emocional diante de situações adversas. Tecendo as devidas conceituações no âmbito do processo ensino-aprendizagem, apreciamos entre os demais elementos, o vínculo entre inteligência e afetividade.

Nesse contexto Antunes (2000), relata que:

Se as experiências emocionais constituem a base das capacidades intelectuais, da criatividade e do senso

moral, é para essas experiências que devemos conceder a mais alta prioridade em nosso projeto de educação. A plena liberdade que esta teoria propõe exige o esforço de nossas mentes para que possamos construir, dentro de casa ou da escola, um primeiro passo para a humanidade integral. Basta querer (Antunes, 2000, p. 121)

De fato, os conteúdos têm que almejar o projeto de conhecimento relacionado à integridade psicossocial do aluno. Há os que busquem a saúde emocional, porém as emoções são contraditórias, já que se deprime com facilidade passando de um estado para outro, desde da calma à fúria; esse desequilíbrio transcorre em consequências inimagináveis ao desenvolvimento intelectual do aluno. E, evidentemente, cada um procura o que é melhor para si.

É por essa razão que os conteúdos têm que abarcar links cada vez maiores e mais estreitos com a realidade do aluno. Dessa forma Antunes (2000) salienta que:

Vivenciar situações de conteúdo emocional. É importante que possa se expressar sobre seus valores e a intensidade de suas relações. Não aprendemos empatia e compaixão pelo

que nos contam, mas pela forma como somos tratados. Educar sempre pelo exemplo e, ao errar em uma atitude, pedir desculpas e mostrar que você também pode, às vezes, ser dominado por esta ou aquela emoção. Valorizar narrativas, filmes ou histórias com exemplos de prestatividade, solidariedade, amizade (Antunes, 2000, p.118).

Em resumo, a educação afetiva e a avaliação afetiva devem apontar para uma possibilidade de realização de uma vida digna e salutar, do contrário os alunos serão conduzidos à ignorância, ao desprezo e à agressividade. Ao lidar com alunos temos que proporcionar conteúdos temáticos para que se tornem desejáveis e palpáveis à compreensão intelectual dos alunos.

Considerações Finais

A preocupação quanto à questão da afetividade não se fundamentou em discutir os aspectos afetivos como determinantes no processo de aprendizagem, mas como um fator facilitador em como trabalhar com a interação entre professor e aluno, buscando contribuições para que a escola seja um ambiente de relações mais agradáveis. Para que o professor conheça bem seus alunos,

é necessário que não negligenciem os aspectos afetivos. É importante refletir sobre a importância da afetividade em uma sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental, de modo que os alunos possam ser compreendidos, aceitos e respeitados, de modo que os professores possam entender seus sentimentos.

É preciso ter sensibilidade para ouvi-los, dialogar com eles e apoiá-los para que busquem superar as suas dificuldades. Por meio dos aspectos fundamentados nas discussões dos autores e na pesquisa de campo, conclui-se que a afetividade manifestada na relação entre professor e aluno constitui elemento inseparável no processo de construção do conhecimento, uma vez que a qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento.

Portanto, é fundamental que o professor conheça as ligações afetivas que dá sustentação ao relacionamento da criança com o mundo à sua volta. Entender também que as respostas dadas por ela

dependem do tipo de acolhida afetiva que ela recebe dos adultos durante a relação pedagógica.

Assim é possível identificar que o espaço da escola, exclusivamente da sala de aula existe troca de experiências, discussões, interação entre o aluno e as relações afetivas entre professor e aluno. É neste espaço que o educador observa seus educandos, identifica suas conquistas e suas dificuldades e os conhece cada vez mais.

O amor, o afeto é a chave para a educação. Os professores devem valorizar o aluno, dando amor, afeto, carinho, que leva à auto-estima. Dar meios, elementos, para que os alunos resolvam os problemas, encontrem soluções, enfrentem desafios. Enfim, compreende-se que a educação é dinâmica e provocadora de reflexões, portanto, o professor deve acompanhar esse processo de mudanças e reflexões, na busca de novos conhecimentos, novos desafios e novas conquistas e através do afeto criar laços de múltiplas aprendizagens.

Referências

Antunes, C. (2000). *A Teoria das Inteligências Libertadoras*. Petrópolis, Rj: Vozes.

Arantes, V. (2003). *A Afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Atlas.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/* Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF.

Fernandez, A. (1990). *A inteligência aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Artes Medicas.

Freire, P. (1996). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gadotti, M. (1999). *Educação e poder: Introdução a pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez.

Gobbi, S. L.; Missel, S. T. (2005). *Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa*. São Paulo: Vetor Editora.

Maturana, R. H. & Verden – Zöllner (2004). *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo: Palas Athena.

Piaget, J. (1979). *Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.

Rogers, C. R.(1985). *Liberdade de aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Rogers, C. R.(1997). *Tornar-se pessoa*, 5 ed. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. (1989). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. (1993). *Obras escogidas II*. Madrid: Visor, 1993.

Os autores:

Anderson Oramisio Santos é graduado em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia. Mestre em Educação. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Docente da Educação Básica e dos cursos de pós-graduação lato sensu em educação - Uberlândia – oramisio@hotmail.com

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: DIÁLOGOS EM WALLON E
VYGOTSKY

Adriana Mariano Rodrigues Junqueira é graduada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia em Contextos Escolares. Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Pedagoga e Professora da rede municipal de ensino de Uberlândia. adrianamariano61@yahoo.com.br

Graciela Nunes da Silva é graduada em Matemática. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Docente da rede municipal e estadual de ensino de Uberlândia. graci_udi@hotmail.com

Receibo em: 18/03/2016

Enviado para ajustes: 30/05/2016

Aprovado em: 30/06/2016